

As atividades musicais das crianças analisadas por professoras de educação infantil

Leda Maffioletti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
leda.maffioletti@gmail.com

Soraia Santana

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
soraiasantana@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta as reflexões de 39 professoras de educação infantil sobre episódios de atividades musicais realizadas por seus alunos. A intenção é destacar a peculiaridade das descrições e análises realizadas tendo em vista tratar-se de professoras sem formação musical específica, que atuam em Escolas de Educação Infantil. A abordagem metodológica segue princípios da pesquisa (auto)biográfica, adotando-se a uma leitura interpretativa do material coletado, buscando o significado que as professoras atribuem às atividades relatadas. Os resultados mostram que a direção do olhar das professoras que participaram deste estudo articula-se com o contexto escolar e as aprendizagens de sua profissão. É peculiar no sentido de mostrar um saber musical não técnico aprendido no convívio com as crianças. É também peculiar pelas escolhas que fizeram, pelo que lhes chamou a atenção e pelo modo como interpretaram os comportamentos musicais tomando por base a sua formação profissional e acadêmica obtida no curso de Pedagogia.

Palavras chave: Educação musical. Formação de professores. Pedagogia.

Introdução

Os pesquisadores brasileiros da área da Educação Musical têm se preocupado com a educação musical nas escolas de educação básica. Em levantamento recente, cobrindo quase duas décadas (1992-2011) sobre a produção teórica publicada nas Revistas da ABEM, Pires e Del Ben (2013) constataram que 53,3% dos trabalhos abordam a formação e prática profissional e 36% discutem as políticas públicas e a música no contexto escolar. Chamou-nos atenção as análises que decorrem do desdobramento da primeira ênfase encontrada do mapeamento, agrupadas nas subcategorias *práticas de ensino e aprendizagem, conhecimento sobre/dos professores, conhecimento sobre/dos alunos e formação profissional*. No que se refere às *práticas de ensino e aprendizagem*, os dados permitem compreender que “a condução intencional da prática pedagógica do professor de música, os

alunos apresentam uma evolução significativa em relação ao seu trabalho independente em práticas espontaneístas”. Os dados também sugerem que a educação musical pré-escolar deveria ter como objetivo geral “desenvolver habilidades musicais básicas, conceitos musicais gerais e criatividade”. Com relação ao conhecimento das professoras, “as pesquisas afirmam a falta de clareza dos professores com relação aos pressupostos implícitos em suas concepções e ações, além da presença de inconsistências e contradições” (PIRES; DEL BEN, 2013, p. 108). Na impossibilidade de aprofundar aqui a totalidade das discussões, destacamos que na subcategoria *formação e relação profissional* as autoras sinalizam que

[...] a música não está conseguindo ocupar, com eficiência, o espaço que poderia ter na educação básica, e revelam a presença da aula de música como “vitrine” para os pais (idem, p. 109); há necessidade de maior aprofundamento em pesquisas sobre o *conhecimento sobre/dos alunos* para se possa pensar a prática pedagógica em contextos escolares (PIRES; DEL BEN, 2013, p. 114).

Embora a música esteja presente de alguma forma da escola básica, Bellochio e Figueiredo (2009) sugerem que seu ensino deveria ser intencionalmente planejado e desenvolvido tendo em vista uma perspectiva longitudinal. Para que a música realmente mobilize conhecimentos que potencializam a aprendizagem dos alunos “precisa ser realizada com competência pelas professoras. Todo trabalho realizado em aula precisa ser planejado e refletido pelas professoras!” (BELLOCHIO e FIGUEIREDO, 2009, p. 41).

O presente estudo tem por objetivo analisar como as professoras de educação infantil se referem às atividades musicais realizadas pelas crianças, o que consideram como atividade musical e que aspectos teóricos que enfatizam ao analisarem essas atividades. Considerando que as professoras não possuem formação musical específica, a intenção é identificar e caracterizar a direção do olhar das professoras de Educação Infantil.

Procedimentos metodológicos

Participaram dessa pesquisa 39 professores, com idade entre 23 e 54 anos, que trabalham em escolas de educação infantil da rede pública há pelo menos dois anos. Na oportunidade, frequentavam a disciplina Educação Musical, num curso de Especialização em

Educação Infantil. Havia no grupo três professores do sexo masculino, que foram subsumidos na expressão “professoras”, para evitar a escrita constantemente diferenciada pelo emprego de o/a. Todos os nomes reais foram alterados e transformados em siglas para preservar suas identidades. Para diferenciar das citações dos pesquisadores, os depoimentos estão com letra tamanho 11, sem recuo e entre aspas. Quando citadas no corpo do texto, os depoimentos assumem as normas usuais quanto ao tamanho da letra.

O trabalho inicia com a proposta que as professoras registrassem uma atividade musical realizada por uma criança ou turma de crianças. Algumas temáticas foram sugeridas como cenas de canto espontâneo (em casa, na escola, na rua, etc.) e a performance da criança durante a realização de uma atividade musical (canto, execução instrumental, ouvindo música, etc.), podendo também ser um vídeo da internet em que a atividade musical fosse evidenciada. Para ser melhor compreendido, o trabalho deveria conter informações sucintas mas relevantes sobre a criança, descrição do contexto onde a cena aconteceu e descrição detalhada da atividade propriamente dita. A orientação era que escolhessem uma cena e destacassem um aspecto relevante que havia chamado a atenção. A seguir, que procurassem na literatura específica os autores que ajudassem a aprofundar o referido destaque.

Adotamos na pesquisa a abordagem biográfico narrativa, muito empregada na área da Educação, que se caracteriza por ser uma investigação do tipo interpretativa “na qual o significado dos atores se converte no foco central da investigação”. Os fenômenos sociais são entendidos como “textos”, cujo valor provém da “autointerpretação que os sujeitos relatam em primeira pessoa, onde dimensão temporal e biográfica ocupa uma posição central” (BOLÍVAR, 2002, p. 4). A grafia aqui não se refere somente à materialidade da escrita, mas a escrita de si como processo mais amplo que envolve o conjunto das representações que constituem o indivíduo e o modo como ele concebe suas experiências. A adoção dessa abordagem significa que o olhar do pesquisador volta-se para o significado da experiência vivida pelo sujeito, no caso da presente pesquisa, para o modo como as professoras atribuem significados ao comportamento musical das crianças. Apoiados no autor citado, a intenção foi respeitar a subjetividade de cada um e decifrar

significativamente os componentes e as dimensões mais relevantes da vida das professoras e da experiência musical que elas realizam com seus alunos.

Apresentação dos resultados

Foram recolhidas 21 descrições de atividades musicais, sendo nove trabalhos individuais e doze trabalhos elaborados em duplas ou trios. As diferentes atividades e seus conteúdos serão descritos a seguir. As atividades musicais mais comentadas formam as cenas de sala de aula em momentos de atividade livre, com seis trabalhos envolvendo as crianças realizando atividades rítmicas e uma ocorrência de crianças ouvindo um CD. Em segundo lugar, foram as cenas de sala de aula programadas pela professora, num total de quatro ocorrências envolvendo exploração livre das sonoridades de instrumentos musicais artesanais e instrumentos convencionais de percussão; e uma cena de exploração das possibilidades sonoras do corpo logo após as crianças terem assistido o DVD do grupo Barbatuques. Outras professoras preferiram analisar a performance musical de crianças a partir dos vídeos da internet. Nesse tipo de atividade musical as professoras enfocaram a performance musical das crianças, salientando-se as descrições de comportamentos envolvendo o canto, o ritmo e o movimento corporal, num total de três ocorrências. Houve também dois relatos de cenas de sala de aula conduzidas por outra pessoa, no caso a professora assistiu a professora de música propor atividades aos seus alunos. Nessa modalidade as professoras descrevem o comportamento musical das crianças em ações de exploração de um teclado musical e cenas de canto em conjunto. Duas professoras, porém, fizeram relatos de sua atuação docente em momentos que a música ocupou um lugar muito significativo.

A subjetividade implicada nas descrições sobre as transformações no comportamento das crianças claramente envolvidas em atividades musicais, fez com que essas professoras atribuíssem à música as aprendizagens obtidas pelas crianças, marcando positivamente a música em sua docência. Devido a essa característica, as descrições formaram uma dimensão à parte. Vejamos a seguir.

Discussão teórica

Peculiaridade das descrições e análises realizadas pelas professoras

Com a finalidade de reconstruir uma visão de conjunto onde as atividades musicais ocorrem e são consideradas como práticas sociais escolares, convém lembrar que as escolas de educação infantil funcionam em dois turnos e que boa parte das crianças até três anos permanecem na escola de quatro a sete horas por dia. A escola que as recebe possui espaços, tempos e materiais organizados e um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças, buscando ampliar conhecimentos de diferentes naturezas. As professoras trabalham vinte ou quarenta horas na escola e precisam orientar suas ações junto às crianças articulando ações de cuidado e ações de educação. Seu plano pedagógico deve, ou deveria estar apoiado no projeto político pedagógico da escola, cujos objetivos pretendem garantir às crianças o “acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças” (BRASIL, 2012). É nesse espaço que ocorrem “as interações com as crianças e as comunidades que se fazem as principais aprendizagens não técnicas, mas fundamentais, da profissão (SARMENTO, 2009, p. 327)”.

Compreender a peculiaridade desse contexto pode ajudar a entender as relações e interações que fazem da música uma prática social com significado na escola. Pois “entender a música como prática social significa compreender que as exigências técnico-musicais estão ligadas às práticas de sociabilidade nos grupos, na família, na escola, na igreja e na comunidade” (SOUZA, 2014, p. 95).

Ao se referir à atividade espontânea de seu aluno de dois anos, ALI descreve:

“O menino que iniciou a brincadeira faz caras, expressões como se estivesse imitando um baterista, mostra-se muito concentrado e empolgado com a brincadeira, faz movimentos com a boca como se estivesse cantando, fecha e abre os olhos, vira a cabeça para um lado e outro parecendo ser um baterista tocando.

[...] As crianças estavam balbuciando, fazendo expressões, sentindo a música, reproduzindo e compartilhando suas experiências e emoções.

[...] A musicalidade é um traço humano que se mostra em idade muito precoce.

[...] É nosso dever enquanto educadores, proporcionar momentos em que as crianças possam brincar livremente, explorar materiais, produzir sons de forma espontânea”. (relato 1 ALI)

Como se pode notar, ALI não comenta os parâmetros sonoros da atividade de seu aluno, mas o caráter simbólico de suas atitudes imitativas. ALI descreve os detalhes expressivos referindo-se às expressões faciais e ao modo concentrado como o menino se engaja no “jogo imaginativo” que dá sentido ao que realiza. É possível que essas professoras não conheçam a teoria de Keith Swanwick sobre o desenvolvimento musical, mas certamente conhecem os teóricos que fundamentam as práticas pedagógicas na educação infantil. É de Vygotsky (1988, p. 110) a afirmação que segue: “A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação”. As professoras assistem cotidianamente seus alunos produzirem cenas às quais os teóricos se referem. Desse modo, mesmo sem formação musical, o campo da Educação Musical se configura nas circunstâncias que elas criam em sala de aula, nos efeitos da música sobre o comportamento das crianças e nas análises que elas fazem sobre modo como as crianças se relacionam com a música. Esse olhar é possível porque também elas têm uma história pessoal com a música.

Por tratar-se de uma criança tão pequena, ALI conclui que a musicalidade é um traço humano, assumindo a partir dessa conclusão que é dever dos educadores propiciar momentos que a criança possa “brincar livremente, explorar materiais, produzir sons de forma espontânea”.

Vejamos a descrição de uma cena em que um bebê de dois anos explora as possibilidades sonoras de um instrumento de percussão. A cena chamou a atenção das professoras, por se tratar de uma criança que ainda não domina a linguagem falada, mas brincando “como se fosse músico” consegue imprimir certa ordem ao que faz, alternando os

movimentos dos braços ao explorar as sonoridades. Bellochio e Figueiredo (2009, p. 43) consideram que no exercício “de busca sonora, a criatividade estará presente impulsionando a riqueza da construção do conhecimento musical”. O grupo AKI assim descreve:

“O menino brinca de fazer música com um amigo imaginário revezando os instrumentos, percebemos a ordem na brincadeira, os instrumentos estão lado a lado e há regra de revezamento, quando ele fala: “é eu? é tu? agora é eu!

[...] O bebê na cena gosta de ouvir o seu próprio som, criar sons, ele assim, é capaz de se comunicar com o outro, de vivenciar a sua cultura, de se expressar, de reproduzir um comportamento observado em outro momento.

[...] A música é tão importante na vida da criança que através dela a criança se torna autor e reproduzidor de sua cultura, quanto maior o seu contato com a música mais capaz de criar ela é, assim como conceber sons, projetar o que já conhece”. (relato 2 AKY)

O aspecto sociocultural realçado no relato do grupo AKI deixa transparecer a concepção de música como uma dimensão da experiência capaz de promover a comunicação e a expressão de aprendizagens culturais. Decorre dessa concepção de música o entendimento de que através da prática musical a criança sente-se autor e reproduzidor de cultura. Sustentando essa concepção, podemos notar a influência da linha dos estudos sobre a infância, identificada com as colocações de Sarmiento (2003):

O imaginário infantil é inerente ao processo de formação e de desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo. [...] A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância (SARMENTO, 2003, p. 52).

Analisando um vídeo capturado da internet, o grupo LIA descreve uma cena em que um menino de aproximadamente dois anos, acompanhado de seu pai ao violão, canta e toca seu pequeno violão. A cena é descrita com detalhes em seus aspectos visuais e sonoros, salientando principalmente o diálogo pai e filho na comunicação musical.

“A imagem de um pai com seu filho nos reporta a formação de uma identidade musical, mas para além dessa questão, existe toda formação enquanto cidadão, as relações, do afeto, da roca de olhares, tido fez parte do processo de aprendizagem e apropriação de si e do outro, favorecendo a relação com o mundo [...]

[...] A criança demonstra capacidade auditiva e consegue cantar de forma clara a letra da música (inglês).

[...] A experiência de troca com o pai é voltada exclusivamente para a sonoridade, o ritmo, o som produzidos pelos violões, gestos e o olhar de estímulo e de resposta de um para o outro”. (relato 3 grupo LIA)

A relação pai e filho destacada nos comentários oportunizou a reflexão sobre a importância de criar no ambiente escolar oportunidades semelhantes de interação. Analisar a atividade musical da criança fez com que voltassem o olhar sobre si mesmas e suas necessidades de conhecimento musical. Conforme elas disseram: “Faz-se necessário pensar nossa prática e refletir sobre o que estamos oferecendo enquanto repertório para a construção de um mundo musical. Analisar a nossa própria formação musical e aprofundar estudos sobre a música” (relato 3 grupo LIA). Como explica Josso (2004), a escrita obriga a introdução de uma lógica na construção dos relatos, suscitando reflexões sobre aquilo que é narrado, e por isso reforça o espaço onde o sujeito pode pensar e refletir sobre si mesmo. Assim, a produção das descrições construiu uma experiência de formação para o grupo LIA.

Conclusões

As descrições e análises dos comportamentos musicais mobilizaram os conhecimentos das professoras, seus valores e suas energias. Aos poucos foram atribuindo significados ao comportamento musical de seus alunos, revelando, ao mesmo tempo, um jeito pessoal de encarar as práticas musicais do cotidiano. Observamos que as atividades musicais que aconteceram em momentos livres da sala de aula foram as preferidas nas descrições. Podemos pensar três razões para essa preferência, a primeira é que estando liberadas da condução das atividades, as professoras podem se dedicar mais à observação; a segunda é que a própria atividade livre promove o comportamento espontâneo e criativo

das crianças, o qual é admirado e valorizado pelas professoras; a terceira razão é que esse tipo de atividade não requer a descrição das ações da professora, fato que as coloca mais à vontade para narrar os acontecimentos de sua classe. De toda forma, nas cenas de aula não conduzidas pelas professoras e naquelas em que ela mesma programou o que se mostra são comportamentos musicais de crianças que se sentiram livres para criar e se expressar.

O destaque à dimensão cultural do comportamento musical foi uma constante na análise dos depoimentos recolhidos. Embora o comportamento musical tenha sido o motivo da escolha do episódio analisado, as habilidades musicais não são destacadas separadamente, mas reconhecidas, valorizadas e compreendidas no contexto dos laços familiares e das relações interpessoais onde a criança se situa. As habilidades musicais exibidas em cenas do cotidiano escolar ou cenas do cotidiano familiar gravadas em vídeos ajudaram a compreender a música como parte das aprendizagens sociais na escola. Como disse JOTA (relato 4), após a aprendizagem das canções “elas reproduziram o que viram e ouviram de forma espontânea e informal”. Ou seja, o que as professoras ensinam as crianças reproduzem por sua conta nos brinquedos livres.

Assim como as pesquisas de Werle (2010) e Spanavello (2005) as professoras que participaram deste estudo reconhecem a importância da música e mostraram estreita relação entre música e sentimentos. Porém, devido à característica de nossa proposta, não foi possível evidenciar possíveis dificuldades referentes à elaboração dos objetivos musicais e estruturação de um plano de educação musical.

A direção do olhar das professoras que participaram deste estudo articula-se com o contexto escolar e as aprendizagens de sua profissão. É peculiar no sentido de mostrar um saber musical não técnico aprendido no convívio com as crianças. É também peculiar pelas escolhas que fizeram, pelo que lhes chamou atenção e pelo modo como interpretaram os comportamentos musicais, tomando por base a sua formação profissional e acadêmica obtida no curso de Pedagogia.

A Educação Musical a que elas se referem são atividades muito simples que as crianças mostram espontaneamente como acompanhar o rimo das canções realizando inflexões vocais, balanceios corporais e batidas compassadas no andamento das canções.

Explorar as possibilidades sonoras dos instrumentos musicais, ouvir música, cantar e dançar, são atividades que uma pessoa sem formação específica pode propiciar, ao lado de outras tantas atividades pedagógicas desenvolvidas na educação infantil.

Referências

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. *Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música*. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

BOLIVAR, Antonio. (2002), "*¿De nobis ipsis silemus?: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación*". **REDIE - Revista Electrónica de Investigación Educativa**, vol. 4, n. 1 p. 1- 26, 2002.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIRES, Nair; DEL BEN, Luciana. Música nas escolas de educação básica: o estado da arte na produção da Revista da Abem (1992-2011). **Revista da ABEM**, v. 21, n. 20, p. 103-118. Londrina, 2013.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas infantis. **Cad. Educ. Fae/UFPEL**, Pelotas (21):51-59, jul./dez. 2003.

SARMENTO, Teresa. Contextos de vida e a aprendizagem da profissão. In: FORMOSINHO, João (Org). **Formação de Professores. Aprendizagens e ação docente**. Porto: Porto Editora, 2009, p. 303-327.

SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 53, p. 91-111, jul./set. 2014.

SPAVANELLO, Caroline. **A educação musical nas práticas educativas de professores unidocentes: um estudo com egressos da UFSM**. Santa Maria, 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação, 2005.

SWANWICK, Keith. **Musical knowledge. Intuition, analysis and music education**. London: Routledge, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WERLE, K. **A música no estágio supervisionado da Pedagogia: uma pesquisa com estagiárias da UFSM**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.